

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i20.38752>

Artigo recebido em: 14/06/2021
Artigo aprovado em: 01/12/2021
Artigo publicado em: 06/01/2022

A CRÍTICA BENJAMINIANA NOS ENSAIOS SOBRE GOETHE

BENJAMINIAN CRITICISM IN HIS ESSAYS ON GOETHE

Felipe Lopes Castro¹

(felipelc9696@gmail.com)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo acompanhar o leitor de forma exegética, a fim de evidenciar os conceitos benjaminianos propostos nos dois ensaios apresentados no livro *Ensaaios reunidos: escritos sobre Goethe*. Partiremos de uma análise do romance de Goethe *As afinidades eletivas*, apresentando os pontos trazidos por Benjamin em seu ensaio e buscando compreender os conceitos de teor de verdade, teor material e sem-expressão. A segunda parte do artigo propõe-se a analisar o segundo ensaio de Benjamin, em que o filósofo realiza uma biografia intelectual do escritor alemão. Com isso, tentaremos mostrar os pontos cruciais em que Benjamin mostra a evolução intelectual de um dos escritores mais importantes da história da literatura universal, apontando também os conflitos sociais nos quais ele se encontrava, para assim evidenciar a crítica feita por meio do materialismo histórico e sua importância para a fundação de um novo fazer crítico.

Palavras-chave: Benjaminiano. Crítica. Materialismo Histórico.

Abstract: This article aims to accompany the reader in an exegetical way, in order to highlight the Benjaminian concepts proposed in the two essays presented in the book *Ensaaios reunidos: escritos sobre Goethe*. We will start with an analysis of Goethe's novel *Elective Affinities*, presenting the points brought up by Benjamin in his essay and seeking to understand the concepts of truth content, material content and without-expression. The second part of the article aims to analyze Benjamin's second essay, in which the philosopher makes an intellectual biography of the German writer. We will try to show the crucial points in which Benjamin shows the intellectual evolution of one of the most important writers in the history of universal literature, also pointing out the social conflicts in which Goethe found himself, in order to highlight the criticism made through historical materialism and its importance in the foundation of a new critical exercise.

Keywords: Benjaminian. Criticism. Historical-Materialism.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UFC).
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5492511161704758>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1129-7404>.



INTRODUÇÃO: OS ENSAIOS SOBRE GOETHE

O objetivo deste artigo é analisar o livro *Ensaaios reunidos: escritos sobre Goethe* (2018), de Walter Benjamin, publicado pela Editora 34 duzentos anos após a publicação de *As afinidades eletivas*, de Johann Wolfgang von Goethe. O livro possui dois ensaios. Em um deles, intitulado *As afinidades eletivas de Goethe* (1922), surgem conceitos que Benjamin utilizará em suas obras posteriores, como a figura do sem-expressão, o teor material, o teor de verdade e a definição do *belo*, que mais tarde viria a ser moldado no conceito de *aura*. No outro ensaio, com o título *Goethe* (1926-1928), Benjamin desenrola um fio-condutor biográfico das obras goethianas, analisando seus textos de juventude e de maturidade, como também sua influência na cena literária alemã dos séculos XVIII e XIX, não deixando de explorar o período histórico no qual se encontrava. A partir deste escrito, tentaremos fazer um apanhado teórico de Benjamin e de suas teses acerca das obras goethianas de modo geral. Também nos propomos a elucidar os conceitos apresentados em seus ensaios para, assim, colocar luz sobre os seus escritos e acompanhar os leitores, lado a lado, por essa obra.

57

1 AS AFINIDADES ELETIVAS DE GOETHE

O primeiro ensaio tem por finalidade analisar a obra *As afinidades eletivas*, escrita no ano de 1809, material que faz parte do escopo de obras da maturidade intelectual de Goethe. Entretanto, antes de começarmos a análise conceitual do ensaio, é necessário fazer um resumo, ainda que superficial, da história do livro, com a intenção de não deixar o leitor totalmente no escuro enquanto estiver em contato com o texto benjaminiano, uma vez que Benjamin faz contato direto com o texto em sua análise crítica da obra de Goethe. Após a sua apresentação, poderemos entrar diretamente na análise benjaminiana.

As afinidades eletivas, ou *Wahlverwandschaft*, no original alemão, é uma novela sobre um quarteto amoroso, em que um casal, Eduard e Charlotte, dono de terras e pertencente à aristocracia alemã, recebe em seu castelo duas visitas, o Capitão e Ottilie. O primeiro é amigo de longa data do anfitrião; a outra é a protegida de Charlotte. Ambos se direcionam à casa do casal com o intuito de passar o verão na residência e com isso se encontrarem, tendo em vista que são amigos de longa data e parte da família. A novela tem o intuito de discutir os conflitos morais e éticos dentro do casamento,



pois o casal se apaixona pelos seus respectivos convidados: Charlotte se apaixona pelo Capitão, e Eduard se apaixona por Ottilie. Dessa forma, Goethe desenvolve uma novela que traz um intenso debate social sobre as estruturas do casamento. Essas personagens abrem um leque para se discutirem as intrigas e os conflitos morais da aristocracia e da burguesia alemã do século XIX. Suas histórias, apesar de ficcionais, refletem o quadro moral de dúvidas e incertezas sobre as instituições da sociedade alemã. Para finalizar a apresentação da obra, é necessário fazer um apontamento de caráter estrutural. O texto de Goethe se caracteriza como uma novela, ou *novella*, porém se diferencia muito do gênero, difundido com bastante sucesso entre a classe burguesa na Europa do século XIX, tampouco se enquadrando o suficiente no gênero romance. As novelas difundidas na Europa caracterizavam-se por enredos curtos, economia das personagens e foco essencial na trama, aspectos esses presentes em *As afinidades eletivas*. Contudo, Goethe deu uma substância a mais para o seu conteúdo, tornando-o profundo, utilizando-se de temas importantes para a sociedade, com reflexões sérias e, ao mesmo tempo, poéticas. Por isso mesmo, chamamos *As afinidades eletivas* de uma novela genuinamente alemã, visto que não cumpre os requisitos essenciais para se qualificar como uma novela europeia, mas se enquadra perfeitamente no espírito literário alemão.

58

Na primeira parte de seus escritos sobre Goethe, Walter Benjamin aponta para uma dicotomia conceitual: o *teor de verdade* e o *teor material*, existentes na bibliografia disponível sobre criações literárias, referem-se a comentadores e críticos, conforme seus segmentos de atividade literária. Benjamin enxerga que um dos segmentos trabalha com atenção e de forma exegética para com a obra escrita, enquanto o outro é tem como objetivo dar um novo olhar, criar e buscar uma essência contida naquela obra analisada. Enquanto o *teor material* busca aquilo de mais palpável e evidente em uma obra, o *teor de verdade* procura investigar a essência e a origem daquele trabalho, seus elementos principais e seus objetivos, analisando, por meio de uma biografia do autor e de uma reflexão filosófica, o real significado do texto. Benjamin deixa evidente essa diferença quando escreve: “teor material e o teor de verdade, que inicialmente se encontravam unidos na obra, separam-se na medida em que ela vai perdurando, uma vez que este último sempre se mantém oculto, enquanto aquele se coloca em primeiro plano” (BENJAMIN, 2018, pp. 13-14). A alusão a esse problema é de máxima importância para a análise de uma obra como *As afinidades eletivas*, em vista dos dois pontos citados. Com isso, podemos trazer as duas interpretações benjaminianas do romance. A primeira interpreta que *As afinidades eletivas* são,



em uma vista material, uma obra sobre o casamento como instituição escrita por um membro do conselho real de Weimar, ou seja, um burocrata e burguês. Em adição a isso, podemos enxergar que essa obra brota no início do florescer da teoria kantiana e do Iluminismo alemão. Immanuel Kant havia publicado sua obra *Fundamentação da metafísica dos costumes* 24 anos antes da primeira publicação de *As afinidades eletivas*, em 1785. É possível assumir que os críticos e comentadores de sua época estivessem voltados inteiramente a observar a obra de Goethe sob o prisma kantiano, assim dizendo, o prisma que tenta fundamentar o “mais elevado princípio de moralidade”. Apesar disso, Benjamin aponta já no começo de seu ensaio: “O objeto das *Afinidades eletivas* não é o casamento” (BENJAMIN, 2018, p. 21). A superficialidade dessa interpretação é refutada, segundo Benjamin, logo no começo do romance, em que podemos ver uma quebra com a tradição sagrada após Charlotte exigir que se mude a ordem das sepulturas no cemitério de seu condado; ou seja, a quebra com o sagrado é intencional. Goethe impulsiona um enfrentamento e um questionamento à instituição divina do casamento desde o princípio. As intenções dos personagens também são um fator, como a mudança drástica de Eduard ao ter contato com Ottilie, enquanto as intenções de Charlotte modificam-se exponencialmente através de seu contato com o Capitão, de modo a perceber nele qualidades que o seu marido não possui. Vale salientar que a própria origem do casamento de Charlotte e Eduard é “dessacralizada”, pois eles vêm ou de um casamento que não deu certo, ou da viuvez, sendo este o caso de Charlotte. Ainda assim, Goethe não deixa ponta solta em seu romance, pois este segundo motivo só seria contestado pelo mais fervoroso moralista, sendo o primeiro motivo o verdadeiro abalo na estrutura do casamento, visto na época como uma história transgressora e imoral.

Querendo quebrar essa superficialidade das interpretações de *As afinidades eletivas*, Benjamin assinala as características *míticas* da obra. Não se trata apenas de uma obra construída para suprir os conflitos sentimentais de uma classe, mas sim de uma obra que, em seu núcleo de quatro personagens, encontra um sentido mítico e poético para os conflitos e os percalços pelos quais todos os personagens passam. Diversos fatores corroboram a tese acerca do conteúdo mítico. Eduard acredita piamente que seu destino está ligado a Ottilie, quando na inauguração da casa de campo é jogada uma taça para o alto e apanhada no ar e quando, após estar em posse dessa taça, Eduard enxerga que nela estão cravadas as iniciais “E” e “O”, tendo sido ela preservada da queda justamente para selar o destino dos dois amantes. Aqui, *destino* é uma palavra essencial para analisar o caráter mítico que Goethe emprega em seus personagens. Já vimos o destino ser tratado como mítico e irremediável



nas tragédias gregas; porém, o destino grego é visto como catarse (*kátharsis*), como purificação e expiação. Aristóteles escreveu sobre o processo catártico do destino na sua obra *Poética*, algo que podemos ver sendo expresso em tragédias como *Édipo rei*. Em *As afinidades eletivas*, Benjamin aponta para o destino como expressão da culpa. O leitor mais desavisado esperará o cumprimento do destino como fim, mas ele aparece como justificativa e conciliação de todos os acontecimentos. Benjamin escreve: “o destino é o conjunto de relações que inscreve o vivente no horizonte da culpa” (BENJAMIN, 2018, p. 52). O leitor de *As afinidades eletivas* também se lembrará da morte de Otilie, que, sentindo culpa pela morte do filho do casal e pelo fim do casamento, passa dias sem comer e assim morre como mártir, representante do definhamento de uma instituição sagrada. Sua criada enlouquece após sua morte, só obtendo a cura depois de tocar o corpo morto de Otilie, velada na igreja que frequentava intensamente e cujo projeto havia incentivado um arquiteto visitante da vila a realizar. Aqui se encontra o aspecto mais mítico da obra: o definhamento moral é justificado no corpo físico de Otilie após sua morte.

Podemos atestar, após essa elucidação, a dicotomia do *teor de verdade* e do *teor material* da obra. O teor material profundo de *As afinidades eletivas* encontra-se no símbolo que a morte de Otilie representa para essa tragédia. O teor de verdade situa-se precisamente no próprio Goethe, ao ver na morte trágica o fim absoluto da culpa, e não o fim por expiação. O conhecedor da obra de Goethe poderá perceber que, em *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), o fim do herói é trágico e imutável, é o símbolo e a representação do amor como sublime e belo em sua essência mais romântica, podendo ser apenas saciado na morte. Já em *As afinidades eletivas*, o fim e a morte são a conciliação com o casal e a reconciliação da culpa carregada por Otilie. Nisso se inscreve o teor de verdade e a essência da obra. Benjamin escreve: “o simbólico, entretanto, é aquilo em cujo âmbito surge a união indissolúvel e necessária de um teor de verdade com um teor material” (BENJAMIN, 2018, p. 52). Fundamentalmente, podemos enxergar um grau de maturidade intelectual na obra de Goethe, saindo do romantismo ideal incrustado no movimento *Sturm und Drang*, do qual *Os sofrimentos do jovem Werther* é seu maior representante, e adentrando em uma verdade sentimental e poética, em que a vida e o destino não estão na morte do herói trágico, mas na reconciliação e na redenção. Sobre isso Benjamin nota: “desse modo, fica valendo também para essa vida, como para toda vida humana, não a liberdade do herói trágico na morte, mas sim a redenção na vida eterna” (BENJAMIN, 2018, p. 55). Aqui, podemos perceber o afastamento de Goethe do movimento romântico vigente na época, tornando-se



sua obra um objeto de subversão frente às obras que prezavam pelo amor ideal; enquanto a obra se manifesta na figura do mítico e do poético, ela se torna por si só transgressora, em vista das obras que visavam a divinizar a figura do objeto amado e a figura do amante. As *afinidades eletivas* se caracterizam em seu *teor de verdade*, por um lado, subvertendo o movimento literário vigente na Alemanha, e por outro lado representam os próprios pensamentos de Goethe sobre o amor, a vida e a morte.

Vimos até aqui as características míticas, o *teor material* e o *teor de verdade* presentes na obra *As afinidades eletivas*. Contudo, esses conceitos não estavam claros para os contemporâneos de Goethe. Benjamin nos mostra que a literatura crítica e os comentadores da época desviaram-se categoricamente desses tópicos. O papel do crítico seria o de mostrar aquilo que está escondido na obra, com o auxílio da filosofia. O poeta é o criador, e o crítico é o seu intérprete mais fiel; mas essa relação não existe para os contemporâneos de Goethe. Seus críticos desviaram-se do caminho crítico, segundo Benjamin. O caso mais evidente encontra-se no *Anuário para o movimento espiritual (Jahrbuch für geistige Bewegung)*, livro publicado em 1916 que analisa obras de grandes literatos, escrito por Friedrich Gundolf (1880-1931) e Friedrich Wolters (1876-1930). Nesse anuário está presente um estudo sobre Goethe realizado por Gundolf. Nele, o autor toma uma posição diferente em relação à crítica; analisa o trabalho e a vida do poeta sob um pressuposto mítico, de modo que o trabalho do poeta se funde com a sua vida e, em decorrência desse movimento, a própria vida de Goethe torna-se mítica em sua essência e aparência. Aí está precisamente o erro apontado por Benjamin: analisar a vida e a obra de um autor que se encontra em uma posição mítica deturpa tanto sua obra quanto sua própria imagem real. Nessa deturpação, a arte sofre em relação àqueles que a consomem. O santo e o poeta estão em posições diferentes para com Deus, aponta Benjamin. O primeiro comunica-se diretamente com Deus e dEle recebe seus deveres, enquanto o segundo se comunica com os indivíduos e dirige sua obra para a comunidade do povo. Isso significa que as posições dos dois estão categoricamente separadas em suas intenções. Assim, como escreve Benjamin em seu ensaio: “O poeta, contudo, é uma manifestação da essência humana mais provisória do que a do santo, não em sua gradação, mas sim em sua espécie. Pois na essência do poeta define-se uma relação do indivíduo com a comunidade do povo; na do santo, define-se a relação do homem com Deus” (BENJAMIN, 2018, p. 62). A palavra comunicada por uma divindade é irremediável, imutável e incontestável, e isso se desvia inteiramente daquilo a que a arte se propõe. Gundolf iguala a figura de Goethe à personagem do próprio herói presente em suas obras;



sobre isso, Benjamin aponta: “Gundolf mergulha no mundo dos conteúdos objetivos da vida de Goethe, nos quais só na aparência pode descrever seu teor de verdade. Pois a vida humana não pode ser contemplada por analogia com uma obra de arte” (BENJAMIN, 2018, p. 64). Pensemos agora nos poetas gregos e em seu maior representante: Homero. Platão, no seu plano para a constituição da República, tem por princípio expulsar os poetas por seus trabalhos míticos. Essa alusão platônica serve para compreender o principal erro de Gundolf em sua divinização da obra de Goethe, pois o *teor de verdade* desta não está nas figurações míticas da vida; ela busca, por meio de situações específicas (a destituição do casamento e a paixão dos amantes), transmitir um valor mítico e poético para situações reais, nas quais os sentimentos individuais estão sujeitos a uma coletividade, ou à falta e ao recebimento de uma reciprocidade. Gundolf subverte isso e funde o *teor material* com o *teor de verdade*, transformando a obra de Goethe em um dogma e o colocando em um pedestal intocável. Platão enxergava isso na poesia de Homero, transformando assim, por intermédio da crítica e da análise filosófica, seus versos em conteúdo racional e moral, enquanto Gundolf, com Goethe, tira da figura do poeta qualquer sujeição à moral e à ética, o que se prova errado quando analisamos a vida de Goethe em sua obra autobiográfica *Poesia e verdade* (1846), na qual faz um retrospecto da sua vida intelectual. Nessa obra, podemos compreender a posição do poeta que se coloca como sujeito que está inteiramente ligado aos fenômenos poéticos de sua vida e cujo trabalho, enquanto poeta, é transcrever esses fenômenos naturais em versos poéticos e prosa. Nesse viés, Benjamin aponta que a poesia é um trabalho ligado à ocasião; se colocarmos o fator da ocasião em que Goethe descreve os fenômenos lidos em *As afinidades eletivas*, poderemos compreender que sua vida estava inteiramente ligada à reconciliação (representada por Otilie na obra), e não à ideia de amor romântico do romantismo alemão do século XVIII. Nesse ponto de sua maturidade, Goethe se afasta dos românticos e cria sua própria individualidade poética, a qual culmina na sua maior obra: *Fausto I e II* (1808-1832).

A figura divina de Goethe é construída por Gundolf com base inteiramente no conteúdo material de suas obras, ou seja, no *teor material* delas, subtraindo-se sua essência. Aludindo mais uma vez a esse erro, Benjamin prova sua tese valendo-se de conceitos filosóficos e recorrendo ao próprio conteúdo de *As afinidades eletivas*: a novela “Os jovens singulares”. Neste ponto, deve-se fazer um retorno ao livro.² A novela apresentada por Benjamin está presente na segunda parte da obra de Goethe e é narrada por um soldado visitante da vila com o objetivo de entreter Otilie e Charlotte, sozinhas em casa,

² No livro *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe*, o título da novela foi traduzido por “Os jovens singulares”; porém, na edição da Companhia das Letras, tem por título “As curiosas crianças vizinhas”.



pois o Capitão realizou uma viagem e Eduard foi lutar na guerra. As anfitriãs escutam a história, que em um breve resumo podemos relatar aqui: a narrativa consiste na aventura e na vida de um casal que, por se conhecerem durante toda a infância, nunca percebem o amor que sentem um pelo outro na vida adulta, somente notando a existência de uma paixão quando são acometidos por uma grave tragédia; diante disso, percebem o quão apaixonados estavam um pelo outro e permanecem juntos pelo resto de suas vidas. São evidentes as semelhanças dessa novela com a própria história de Otilie e Eduard. Todavia, a história destes não resulta em amor, mas em um fim catastrófico, equivalendo à antítese de *As afinidades eletivas*.

Benjamin percebe que Gundolf, em sua interpretação confusa, compreendeu a essência da novela assumindo a essência e a aparência do próprio Goethe. A novela diferencia-se categoricamente do romance em seu final: uma é satisfatória e ideal, a outra é real e poética. Acerca disso, Benjamin escreve: “se, desse modo, o mítico é abordado no romance como tese, a antítese pode ser encontrada na novela. Seu título aponta para isso. ‘Singulares’ [...]” (BENJAMIN, 2018, p. 78). Para Benjamin, *As afinidades eletivas* ocupam um espaço conceitual mais maduro no escopo das obras de Goethe, só superadas por *Os aprendizados de Wilhelm Meister* e *Fausto I e II*. O romance possui em seus personagens aquilo que o torna épico, porém romanesco ao mesmo tempo. Essa característica essencial da obra está presente na figura de Otilie. Fazendo uma análise dessa personagem, podemos atestar suas características épicas em relação aos outros personagens da história. Otilie não representa os conflitos e sentimentos vividos pelos quais os outros passam; sua existência imaculada e curadora, sua beleza e aparência remetem às figuras gregas; seu espírito é puro, sua forma possui inocência natural e divina, e Goethe trata com ambiguidade tais características, pois dela é exigido o sacrifício, um sacrifício implícito e indireto, que na forma pagã de ser possibilita como resultado imediato o fim das lamentações. Citando o *Fedro* de Platão, Benjamin atesta a beleza de Otilie como arrebatadora. Aqueles que tiveram contato com ela têm suas vidas mudadas em diferentes instâncias: Charlotte perde o marido, o Capitão se vê em um dilema amoroso com Charlotte e Eduard se petrifica em paixão por Otilie. Contudo, a beleza e a aparência arrebatadora de Otilie se encerram com sua morte e assim tornam-se o receptáculo das lamúrias dos vivos. Com essa tese, Benjamin chega ao conceito do *sem-expressão*. Otilie representa o *sem-expressão* pois ela é o real, desprovida de máscaras, que em suas ações entrega o verdadeiro e nessa entrega se consome. Benjamin escreve:

[...] no sem-expressão aparece o poder sublime do verdadeiro na mesma medida em que ele determina a linguagem do mundo real



de acordo com as leis do mundo moral. É o sem-expressão que destrói aquilo que ainda sobrevive em toda aparência bela como herança do caos: a totalidade falsa, enganosa – a totalidade absoluta. (BENJAMIN, 2018, p. 92)

64

Nessa forma reside a beleza de Otilie, uma beleza redentora, que entrega o real e poético. Para Benjamin, ela não pode ser interpretada como uma simples personagem de um gênero literário, pois sua criação e seu desenvolvimento resultam em uma “categoria da linguagem e da arte”. A beleza de Otilie, segundo Benjamin, é a máxima beleza que pode ser apreendida em uma obra. Aqui podemos caminhar para a conclusão do romance: a reconciliação. Para Benjamin, a obra *As afinidades eletivas* não se compara a outras obras do romantismo alemão, pois nela o poético não se utiliza do ideal para se fundamentar; o amor romântico alemão parece já irreal para o velho Goethe: seus anos de maturidade chegaram, e sua aproximação com as teorias naturais substitui a ideia de amor como conceito puramente trágico por uma ideia de amor natural, um amor passível de ser compreendido pelo indivíduo. Essas representações estão mais presentes em suas obras de maturidade, tendo seu início em *As afinidades eletivas*. O quarteto amoroso compõe essas relações nas suas respectivas vidas, enquanto casais; o Capitão e Charlotte, no final do romance, estão com a oportunidade aberta para se casarem, e Eduard e Otilie se consomem no próprio amor vivido. A culpa e a reconciliação agora são os pontos-chave dessa história representada por Otilie, que, por mais que ame Eduard, não pode consumir esse amor por culpa, e inevitavelmente morre para efetivar sua reconciliação com o todo sagrado do matrimônio. Eduard, triste e convalescente pela morte de sua amada, também acaba por falecer de causas naturais. Nisso se efetiva a verdadeira beleza do poético trazido por Goethe em seu romance. Benjamin alude a esse ponto específico escrevendo: “enquanto o amor guia os amantes reconciliados, aos outros só resta a beleza enquanto aparência de reconciliação” (BENJAMIN, 2018, p. 98). O poético se encontra na possibilidade da consumação desse amor. O amor é posto como *páthos*, ou seja, passível de erros, confuso e patológico. Aqui está o erro categórico da crítica de Gundolf e de determinados comentadores da época de Goethe: *As afinidades eletivas* não consistem em uma consumação amorosa ou em uma malícia com características trágicas; consistem naquilo que motivou, eternizou e humanizou o ser humano: o amor pelas coisas e pelos seres vivos.

2 A CRÍTICA



Agora, o que torna a crítica feita por Benjamin sobre *As afinidades eletivas* um marco na bibliografia sobre a crítica literária? Os conceitos objetivos usados por Benjamin para fazer a sua crítica se destacam em sua inovação, pois nascem na filosofia. Como descreve Jeanne Marie Gagnebin, em seu ensaio *A propósito do conceito de crítica em Walter Benjamin* (1980):

Em vez de esconder nossa admiração e mesmo nosso embaraço diante de tais elementos, sob pretexto de buscar uma verdade “sempre atual”, a prática do comentário sublinha, pelo contrário, que, se há verdade, ela só pode ser encontrada na sua ligação íntima com o histórico e o passageiro, com o que hoje só nos fala na sua distância e estranheza. (GAGNEBIN, 1980, pp. 219-230)

65

Benjamin traz conceitos como teor material, teor de verdade e sem-expressão, entregando interpretações de situações e passagens, antes vistas como ordinárias, sob a perspectiva de um profundo valor filosófico e poético. Citamos aqui a cena do cemitério como exemplo, evento descrito em apenas um parágrafo, mas posto como ponto de virada do tradicionalismo matrimonial. O trabalho crítico de Benjamin muda quando este publica o texto *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1936). A análise, que antes partia em busca do *teor de verdade e poético*, agora leva em consideração a visão materialista das obras e a capacidade desse gênero de transmitir experiências. Escrito em 1922, o texto *As afinidades eletivas de Goethe* muda definitivamente o papel do crítico em relação a uma obra. O trabalho exegético, ou o puro comentário, torna-se frívolo e diminuto ao ser posto em perspectiva na crítica benjaminiana. Assim como o Fausto da conhecida lenda, Benjamin, enquanto um alquimista, torna algo uniforme algo multiforme.

3 UM ENSAIO CRÍTICO E BIOGRÁFICO

Como vimos nas seções anteriores, a leitura de *As afinidades eletivas* feita por Benjamin trouxe à tona um novo processo de crítica que faria parte de toda a sua carreira filosófica. Podemos encontrá-lo no seu texto sobre a figura do narrador, de 1936, em que Benjamin realiza uma leitura também crítica, contudo vai além da análise poética acerca da obra de Nikolai Leskov, como citado na seção anterior. Nessa evolução, ocorrida com o passar dos anos, podemos atribuir suas leituras e influências ao materialismo histórico. Também em seu texto sobre Charles Baudelaire, por exemplo, Benjamin



realiza a leitura crítico-histórica acerca das obras do poeta francês. Logo, podemos constatar que Benjamin desempenhou um grande papel na história da crítica e, analisando o texto anterior, podemos ver o início de suas contribuições.

Ainda em *Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe* (2018), há um texto de Benjamin no qual podemos ver o início do que se desenvolveria como a leitura crítico-histórica. O ensaio, escrito entre 1926 e 1928, faz parte do imenso trabalho que Benjamin dedicou a Goethe. A perspectiva biográfica é de caráter extremamente necessário; também são analisados no ensaio os eventos históricos do início até o fim da vida de Goethe, já que a vida do escritor alemão está intrinsecamente ligada aos eventos que ele presenciou desde a Revolução Francesa até a ascensão e a queda de Napoleão Bonaparte, em 1815. Analisamos de forma similar ao ensaio anterior essa pequena biografia de Goethe escrita por Walter Benjamin.

Poucos homens na história foram tão prolíficos e bem-sucedidos como Goethe foi em diversas áreas do conhecimento. Mesmo sendo conhecido por seus escritos literários, Goethe possuía um domínio em múltiplas áreas do conhecimento, como a pintura, as ciências naturais, a história, a arqueologia, a política, a física, a botânica etc. O escritor fazia parte da cultura pedagógica, muito presente na Idade Média, na qual os intelectuais possuíam uma educação humanística, pois variadas áreas do conhecimento eram estudadas juntas, como biologia e ótica, filosofia e línguas, todas fazendo parte das *scientiae naturales*, como eram conhecidas.

Benjamin aponta que essas aptidões se desenvolveram proporcionalmente ao envelhecimento e ao status social de Goethe, concluindo este sua última e mais importante obra poucos dias antes de morrer, em 1832. Em sua juventude, ele é descrito como idealista romântico, possuindo a mesma efervescência jovial que estava crescendo na Alemanha no período das Luzes, o já citado Iluminismo alemão. Entretanto, como sabemos, as vanguardas históricas crescem lentamente, mas desaparecem em uma velocidade inversamente proporcional. Em 1765, Goethe passa a frequentar a Universidade de Leipzig e, em 1770, transfere-se para a Universidade de Estrasburgo, na qual inicia o seu primeiro contato importante com a cultura e a cena literária alemãs. Na cátedra, começa a desenvolver amizades com consideráveis figuras da história literária alemã, como, por exemplo, Friedrich Maximilian von Klinger (1752-1831), precursor e teórico do movimento *Sturm und Drang*, Johann Antor Leisewitz (1752-1806), Johann Heinrich Voss (1751-1826), Friedrich Schiller (1759-1805), entre outros. Quanto a isso, utilizamos para delimitar o perfil



artístico de Goethe em sua juventude o fato de que, ao ser envolto por um abrangente círculo social e intelectual, entra para o conhecido *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), movimento romântico alemão em que as teorias nasciam do conflito indescritível da ciência envolta de racionalidade e da natureza envolta do belo e do poético. Artistas desse movimento tentavam, por meio de suas obras, descrever a infinita beleza da natureza e a impossibilidade de apreciação do belo por meio da racionalidade científica, alegando que o método do estudo científico não produzia beleza, mas algo puramente mecânico e pragmático. A obra *Os sofrimentos do jovem Werther* figura como uma das principais obras realizadas sob a influência dos anos de Tempestade e Ímpeto de Goethe. Apesar de seu final trágico, o livro é permeado por reflexões e discursos em que o jovem Werther atesta a beleza poética da natureza em contraponto às inovações científicas da época.

67

Oposto a esse movimento nascia o ano das Luzes na Alemanha, cujo culto à razão impossibilitou o movimento Tempestade e Ímpeto de florescer até o seu ápice. Nascido inicialmente na França como um clamor ao científico, o Iluminismo desenvolveu-se como uma vanguarda que possibilitaria ao homem o crescimento por intermédio da razão, tendo como principal ferramenta a ciência. No cenário político, a burguesia emergente ganhava força nas cortes e nos principados, fruto de influências vindas da Revolução Francesa, de 1789. Mais tarde, Goethe enxergará os erros desses dois movimentos, como cita Benjamin: “Goethe assimilou mais tarde o lado negativo dos dois movimentos: com o Iluminismo colocava-se contra a revolução, com o movimento Tempestade e Ímpeto, contra o Estado” (BENJAMIN, 2018, pp. 125-126). Acompanhando o crescimento literário de Goethe, podemos ver que, após a publicação de *Os sofrimentos do jovem Werther*, em 1774, Goethe é nomeado para o cargo de conselheiro geral da corte alemã em Weimar.

No que concerne à vida amorosa do poeta, ocorrem mudanças significativas nesse período, em decorrência da tamanha atenção que ele vinha ganhando por sua participação política na corte, como também por causa dos acontecimentos na sua vida social. Ele então faz uma viagem para a Suíça a fim de tomar novos ares, afastar-se das dores amorosas e fugir das aflições de uma guerra iminente. Nessa viagem, o poeta tem uma aproximação com os estudos das ciências naturais em decorrência de sua amizade com Johann Caspar Lavater (1741-1801). Posteriormente, essa amizade produziu outros frutos. Em sua viagem de retorno, por uma ocorrência do acaso, Goethe tem um encontro com o príncipe herdeiro Karl August von Sachsen-Weimar e, criando laços amigáveis, se hospeda em sua casa, em Weimar. Sobre esse encontro, Benjamin escreve que foi “o compromisso mais



decisivo de toda a sua vida” (BENJAMIN, 2018, p. 133). A partir dessa hospedagem, inicia uma relação de companheirismo que culmina na sua indicação para uma cadeira no Conselho de Estado de Weimar. A partir desse ponto, o trabalho político possibilitou-lhe um foco maior em suas obras literárias. Com a publicação do *Werther*, Goethe ganhou uma notoriedade considerável na Alemanha e, após sua estadia e sua indicação a conselheiro do príncipe, esse prestígio crescerá consideravelmente.

Desses anos surgem obras como *Stella*, *Clavigo*, *Torquato Tasso*. A consolidação de seu trabalho na política ganhou mais aceitação com sua nobilitação em 1782; porém, o trabalho na política não mais o agradava. Somando-se a isso os conflitos que ocorriam nas últimas décadas do século XVIII entre a Alemanha e a França, Goethe planejou uma viagem para a Itália, onde passaria por Verona, Veneza, Ferrara, Roma, Nápoles e Sicília. De fato, a viagem para a Itália proporcionou ares renovadores para o poeta. Nessa viagem, teve contato direto com o Renascimento italiano e com a obra de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768). Nesse momento podemos ver nascer em Goethe uma importante paixão pelo classicismo. Escreve para Weimar uma carta que Benjamin entende como um ponto de mudança bastante significativo em seu espírito. A carta continha o seguinte conteúdo:

68

[...] a loucura de que as belas sementes que amadurecem em minha existência e na de meus amigos devesse ser semeada neste solo e aquelas joias celestiais pudessem ser engastadas nas coroas seculares desses príncipes – essa loucura abandonou-me por completo, e encontro minha felicidade juvenil restabelecida. (GOETHE *apud* BENJAMIN, 2018, p. 139)

Nesse período, escreve obras como *Ifigênia em Táuride* e *Egmont*. O esclarecimento artístico atingido na viagem para a Itália veio carregado de diversas reflexões políticas e ideológicas, período do qual Benjamin constata: “Para Goethe, a história representava uma sequência incalculável de formas de dominação e culturas em que os grandes indivíduos, César ou Napoleão, Shakespeare ou Voltaire, representam o único ponto de referência” (BENJAMIN, 2018, p. 140). Podemos compreender aqui que o poeta não tomava mais para si ideias revolucionárias, mas possuía uma nostalgia do passado feudal que o impossibilitava de enxergar as mudanças ocorridas com as revoluções burguesas na Europa. No período em que ocorriam os maiores conflitos políticos em seu país, Goethe interessou-se em estudar e aprofundar seus estudos nas ciências naturais, focando expressivamente a Botânica. Publicou em 1790 o tratado *Tentativa de explicar a metamorfose das plantas*. Porém, o grande fruto dos seus estudos científicos foi a *Teoria das cores*, obra



publicada em 1810 que se contrapõe à obra de Isaac Newton, *Óptica*, publicada 1704. Ainda em 1790, Goethe assume o cargo de ministro de Estado, responsável pela pasta de Educação e Cultura, e em 1791 também assume o cargo de diretor do Teatro da Corte de Weimar.

Nesse período já podemos perceber o espírito do velho Goethe, responsável pelo nascimento de suas maiores obras poéticas. A análise de Benjamin funda-se precisamente na comparação histórica, investigando os processos ocorridos naquele período de juventude e velhice, traçando uma linha tênue que separa os dois momentos em categorias privadas e o contexto político-social. Sobre isso, ele escreve: “Somente nesse contexto torna-se compreensível que o poeta, nos últimos trintas anos, tenha podido submeter completamente sua vida às categorias burocráticas do equilíbrio, da mediação e da contemporização” (BENJAMIN, 2018, p. 156).

Nesse contexto, é necessário salientar a importância política que Benjamin enxergava no papel do escritor, como podemos ver mais tarde em sua vida no texto *O autor como produtor*. Contudo, Goethe, nesses dois ensaios, é visto da seguinte forma: no primeiro é visto sob o ponto de vista poético e, no segundo, sob o ponto de vista biográfico. Mas Benjamin não deixa de salientar a importância da representação da aristocracia e da burguesia que Goethe faz em suas obras, pois, como membro da corte de Weimar e diretor do teatro real, a sua significância política era enorme, e ele repudiava as guerras de libertação que ocorriam em Berlim. Só em 1815, convencido por amigos, escreve a peça intitulada *O despertar de Epimênides*, a ser representada no Teatro de Berlim, categorizada como um drama alegórico que mostra a vitória de Frederico Guilherme da Prússia contra a França. Em síntese, as obras de caráter político de Goethe não possuem um elemento de verdade inserido nelas, uma essência goethiana, por assim se dizer.

Dito isso, voltemos à análise de suas outras obras. Em 1806, Goethe publica uma de suas obras mais significativas em prosa: *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* – um romance genuinamente alemão, pois se caracteriza por um gênero criado pelo espírito alemão: o romance de formação (*Bildungsroman*), expressando a intelectualidade como aparato essencial da nação alemã e mostrando em sua prosa as diversas características da cultura germânica. Nesse romance, Goethe traz à tona uma percepção da burguesia como classe ascendente, que não mais enxerga como seu representante o poeta trágico que tira a própria vida por sua amada, mas o poeta semideus trágico, que produz belas obras para o povo e contribui para o florescimento da cultura nacional. Outra obra que se destaca de forma similar aos *Anos de aprendizagem* é a obra *As afinidades eletivas* (1809),



que reflete os conflitos internos da burguesia e a relação com a instituição sagrada do casamento. Mais do que isso, tal obra reflete o poético de um Goethe mais maduro e menos romântico. Nos últimos anos de vida, realiza a redação e a publicação da segunda parte de seu *magnum opus*, *Fausto*, produção escrita durante todo o percurso de sua existência. *Fausto* é aquilo de mais mitológico na obra do poeta, um texto lírico que faz renascer a lenda do alquimista Fausto, do século XV. Sobre ela e seus significados para Goethe, deixarei a reflexão de Benjamin:

[...] nessa condição que coroa a vida de Fausto, Goethe permite que o espírito de sua atividade prática venha à tona: conquistar terras ao mar – uma ação que prescreve história à natureza, que inscreve a natureza na história, esse era o conceito goethiano de eficácia histórica, e todas as formas políticas só lhe eram essencialmente boas para preservar, garantir tal eficácia. Num entrelaçamento misterioso e utópico de ação e produção agrotécnica com o aparato político do Absolutismo, Goethe viu a fórmula mágica pela qual a realidade das lutas sociais deveria se dissolver no nada. (BENJAMIN, 2018, p. 174)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

70

Nesses dois ensaios de Benjamin, pudemos ver nascer um conceito crítico fincado no materialismo histórico e na análise artística, utilizando da filosofia como sua principal ferramenta. No primeiro ensaio, Benjamin traz os conceitos de *teor material* e *teor de verdade* como as principais armas da crítica, elemento inexistente na história bibliográfica predecessora. Disseca, na personagem de Otilie, o conceito do sem-expressão criado pelo poeta Hölderlin, que iria ser utilizado como conceito essencial para elucidar uma “categoria da linguagem e da arte”, compreendendo que a obra não consiste em uma análise do casamento enquanto instituição, mas em uma obra regada de valores poéticos e filosóficos presentes na cultura alemã. Nesse ensaio Benjamin também cria conceitos que mais tarde utilizaria em outros textos, como *O autor como produtor*, *O narrador*, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* etc. Ou seja, aqui temos um denso artigo literário e filosófico, que criou um conceito e um caminho para a crítica literária.

Já no segundo ensaio, Benjamin utiliza da crítica materialista-histórica, mas do ponto de vista biográfico, para nos mostrar o nascimento do jovem e do velho Goethe e sua relação com a história da Alemanha e a ascendência da burguesia do século XVIII. Nele, podemos enxergar o nascimento do gênio poético de Goethe, que se



expressou em diversas obras e diversas áreas do conhecimento, do artístico ao científico, e como Goethe – apesar de não enxergá-lo – representava a burguesia emergente da Europa. Benjamin concebeu que o poeta alemão representava a classe e o espírito germânico, espírito esse visto como falho por Friedrich Nietzsche. É possível aqui enxergar, para além do artifício técnico da crítica, um caminho denso e suntuoso na filosofia da cultura, pois Benjamin não enxergava a crítica literária como algo apenas fincado no material; seu poder de análise tomava caminhos distintos, e nisso se expressa o novo fazer crítico-literário de Walter Benjamin.



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Ensaaios reunidos: escritos sobre Goethe*. 2 ed. Trad. Mônica Krausz Bornebush, Irene Aron e Sidney Camargo. São Paulo: Editora 34, 2018.

BENJAMIN, Walter. *Estética e sociologia da arte*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. A propósito do conceito de crítica em Walter Benjamin. *Discurso*, (13), pp. 219-230.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *As afinidades eletivas*. Trad. Tercio Redondo. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2014.

